

R.  
CANSINOS-  
ASSENS

novela

# O Grito na Noite!

*R. Cansinos-Assens, de quem há pouco foi traduzida a novela «A pobre da dactilografa», que da crítica portuguesa obteve as mais lisonjeiras referências, è, por excelência, o escritor da ternura espanhola. A finura do seu espírito, a sua sensibilidade impuseram-no como um dos maiores valores da Espanha contemporânea. A «Novela para todos» tem o prazer de dar hoje aos seus leitores um delicioso conto de Cansinos-Assens.*

onde a desventurada, quando se sentia invadida de tristezas muito vivas, podia aliviar a sua mágoa, gritando-a ao azul da tarde, ás andorinhas que cruzavam rápidas e ás estrelas que fulguravam imóveis como lágrimas em abundancia.

Viviam só eles naquela casa, os dois conjuges com os pequenitos; e ocupavam-na toda, sem a compartilhar com vizinhos que pudessem esquadriñar a sua vida; viviam ali como num palácio ou numa torre isolada, como num campo, e a pobre mulher, de génio tão vivo, sempre exaltada até no pranto pelas infidelidades do esposo e pelas travessuras dos pequenos, sempre angustiada e candidamente enfurecida por uns impetos infantis que só podiam encontrar alívio em lágrimas e gritos, era livre para lamentar a sua sorte, sem recear que ninguém a ouvisse nem se inteirasse da sua desgraça, a não ser as amigas intimas que iam visitá-la e a lastimavam com sincera ternura. E podia a cada instante increpar os pequenos, que eram tantos e tão travessos; e proferir irritadas censuras ao esposo que se demorava

**D**ESDE que se mudaram para a casa nova, a pobre mulher já não podia, como antes, desabafar a sua dôr em gritos aliviadores, em longos prantos efusivos e francos, que a deixavam consolada.

Viviam anteriormente numa casa de construção antiga, comprida e ampla, com o seu grande pátio e as suas dependências interiores tão grandes ao fundo da casa, que dentro delas se podia chorar um morto ou festejar um natalício, sem que cousa alguma passasse para o exterior; uma casa á antiga, de um só pavimento além do andar terreo, com os seus telhadinhos floridos de resedá, tão proxima da rua e o seu terraço, aberto ao azul, como um coração posto ao alto,

novela para todos  
EDICÇÕES CP



com os amigos, e talvez com as amigas, sem se lembrar dela, e deplorar a hora em que se casou e comparar-se com as imagens da Virgem que mostram o peito atravessado por sete punhais... Porém, quando, para economizar despêsas, se mudaram para a nova casa, já lhe não era permitido este desabafo aos seus choros e aos seus gritos.

Era uma casa construída ao modo dos grandes prédios da cidade, com vários pavimentos em cima uns dos outros sôbre um pátio escuro e distribuido em habitações á direita e á esquerda, com portas fronteiras nos patamares da escada larga e fatigante. Nada de terraço, de onde se pudesse ver o céu ilimitado, nem nada tão pouco do amplo pátio alegre da outra casa, onde as crianças podiam brincar e correr como num areal; em vez disto, umas janelas estreitas que davam não para a rua mas para uma passagem improvisada de curto trajecto, aberta pelas picaretas urbanizadoras entre duas amplas e brancas ruas, entre as quais estava o cinzento e triste, cheio de sombra das casas altas, fechada ao fundo por uma grade de ferro que lhe tirava toda a esperança de evasão para a claridade das outras ruas, de casas baixas, pintadas de branco e azul, segundo o antigo costume da provincia.

Nesta escura e triste passagem, todas as casas eram de pavimentos altos e sombrios, esburacadas por estreitas janelas, e a triste mulher, ao assomar á sua e ver tão perto as enormes fachadas côm de tejôlo, que tiravam a vista do céu, e vislumbrar ao fundo o portão de ferro que se conservava sempre fechado para os contados transeuntes, sentia a tristeza de se encontrar encerrada num cárcere.

E ainda mais aumentava a sua mágoa quando entrava no acanhado lar e via tantas crianças pugnando por tornar maior para

os seus jogos aquele reduzido espaço, ali comprimidas, apertando-se umas

ás outras, como esses perus que pelos annos se amontoam nas cozinhas e que bram as penas de encontro ás paredes.

O coração saltava no peito daquela mulher de genio vivo, e sentia uma ansia louca de dar grandes gritos, de se expandir em longos choros ruidosos, de agravar com nefastos agouros a malfadada casa e a hora em que entraram para ela.

Sentia uma ansia louca de dar liberdade áquela angustia que a atormentava, ainda que fosse em cantares, como fazem os presos; mas continha-se.

Apertava o peito com uma das mãos para que não lhe saltasse o coração, e com a outra tapava a bôca para evitar que lhe escapassem os gritos.

Na nova casa tão pequena, não se podia pronunciar uma palavra que não fosse ouvida pelos vizinhos.

Nela se sentia oprimida como se estivesse enclaustrada, como encerrada numa cela. Sentia-se observada de perto, espiada, vigiada por aqueles vizinhos insociaveis e curiosos, cujos olhos adivinhava através dos postigos das portas ou através dos postigos das janelas. A indole efusiva daqueles homens e daquelas mulheres meridionais tornava-se grave e reconcentrada naquelas casas construídas ao estilo da cidade, onde os vizinhos, não obstante estarem tão proximos, não se conheciam nem se falavam, e estavam cheios duma curiosidade mutua e receosa.

A simples mulher sentia pudor de soltar um soluço demasiado alto, que pudesse ser ouvido e deixasse transparecer aquelas tristezas da sua vida conjugal que só ás amigas muito intimas podiam ser reveladas. Sentia pudor de revelar-se aos estranhos com um grito demasiado agudo na noute, abandonada e triste; e tambem sentia medo de perturbar, com a sua aflicção, o silencio grave da casa, em que apenas se ouviam ruídos apagados de berços ou de maquinas de costura, e de mostrar ela só, a descoberto, o seu peito dilacerado naquela casa em que todos se recatavam e faziam da sua vida um mistério para os demais.



Tambem ela queria ser um mistério digno e grave, e assim, quando se angustiava por se ver encerrada com tanta criança naquela casa estreita, só ela para entreter sobre os seus joelhos o mais pequenino, e para avivar o humilde fogo e para coser o fato esfarrapado, punha uma das mãos sôbre o seu peito e se comprimia; e quando o marido chegava tarde, cheirando a vinhos aromáticos e ás vezes a fragrancias de mulher, em vez de indignar-se como antes e assediá-lo com as censuras do seu amor zeloso, reprimia os seus impetos e indicava ao torpe ébrio o caminho do tálamo. E era ela, a viva de génio, a irascível, a gritadora, quem então falava com a voz mais baixa, e ao conjuge loquaz impunha silencio, tapando-lhe a boca. Era ela agora a mais discreta e silenciosa, e parecia outra mulher, pela sua reserva e pela sua conformidade. Nem um grito nunca, nem sequer uma voz mais alta. Em silencio cumpria os seus deveres domésticos, e já-mais tinha uma censura forte para o esposo, que costumava dizer em tom de elogio: «Parece outra». E outra parecia, efectivamente, não só pelo seu silencio, como pela sua figura pálida e esmorecida naquela casa da discreção.

A heroína não chorava nem se lamentava; porém, os seus olhos estavam circundados por olheiras cada vez mais intensas, e nas suas faces advertiam-se ás vezes manchas roxas que apareciam e desapareciam, e que eram, naquele pálido rosto, como uma especie de enfeite triste e doloroso; enfraqueciam-lhe os joelhos e os cotovelos como se diminuíssem e afrouxassem os nós dos seus ossos, e o coração pesava-lhe no peito e palpitava como se todos os gritos contidos e todos os reprimidos soluços da silenciosa estivessem encarcerados na delicada víscera e a tornassem enternecida e grave.

Fatigava-se ao menor esforço e era-lhe necessário interromper a cada instante o labôr doméstico e assomar discretamente ás janelas para respirar o ar fresco. Sentia-se toda ela pesada, pesada como grávida de um grande grito contido que lhe enchia o

corpo e subia até á garganta como para estrangulá-la. Sofria a obsessão de um grande grito que havia de aliviá-la e devolver-lhe a sua agilidade primitiva, mas coibida de vergonha, receosa de ser ouvida, apertava as veias do pescoço para não gritar, para não soltar aquele alarido supremo da sua angústia.

Ultimamente havia-se acostumado a desabafar a sua tristeza em frases murmurantes e entrecortadas, como essas pessoas que falam sósinhas pela rua; soltava as suas censuras ao marido ausente e lamentava o desgraçadíssima que era; e invocava por testemunha a Santíssima Virgem, de que ia morrer abrasadinha, queimadinha. Porém, com o tempo, nem este desabafo lhe foi possível, porque o menor esforço, mesmo aquele que se necessita para pronunciar duas palavras, a deixava extenuada e a obrigava a procurar um longo repouso numa cadeira.

Sómente o seu génio vivo e o seu espírito valoroso a mantinham, e mantinham nela uma apparencia de saúde que enganava o esposo, cujos olhos estavam sempre turvos da neblina aurea dos vinhos.

Enganava-se o esposo, e não advertia o decaimento da mulher, e não advertia a angústia daquele silencio de conformidade com que ela o acolhia nas noites em que eie regressava a casa tão torpemente alegre.

E quando ela alguma vez, não podendo reprimir a sua dôr, murmurando, o apostrofava: «Estás-me matando Vou morrer queimadinha»,—o consorte egoista, receoso de que a mulher se expandisse em imprecações e gritos, admoestava-a com cómica prudencia: — «Cála-te», não faças escandalo, que os vizinhos podem ouvir te. — E a pobre mulher, receosa de ser ouvida e de ser comparada com a velha desgrenhada e alcoólica do andar de baixo, que cada sabado promovia um escandalo ao marido e cuja historia grotesca e dolorosa todos sabiam, calava e continha os gritos que com a

novela para todos  
EDICÕES G.P.



intenção dum alarido supremo lhe subiam á garganta, inchando-lhe as carótidas.

Calava-se pelo medo de perturbar a quietação nocturna da passagem, que era como uma só casa adormecida, pelo receio de quebrar aquele véu tão denso, aquele cristal tão duro de silencio, que como um gelo cobria a estreita rua, e sobre o qual um grito seu, por muito leve que fosse, traçaria um risco tão largo e penetrante como aquele que sobre o limpo céu de Abril traçam os gorgueios intermináveis das andorinhas.

Calava; porém cada vez mais cheia daquelle grito impossível, estava mais pesada e inerte, inchada desde a garganta até os tornozelos. E apenas podia mover-se.

Os pequenitos tinham agora que vir ter com ela para que os lavasse e arranjasse, sentada numa cadeira. E sentada fazia todos os seus trabalhos domésticos. E uma noite o marido teve que esperar longo tempo primeiro que ela lhe pudesse abrir a porta. Tinha o semblante coberto de aquelas manchas exquisitas, e mal podia respirar.

Estava tão terrivelmente demudada, tão clara e ultimamente enferma, que o marido a viu bem no umbral da morte, não obstante a aurea bruma da embriaguez que lhe turvava os olhos.

Viu-a coberta com a máscara da morte, e anelante, perguntou-lhe:—«O que tens?—Diante dele ela calava, porém os seus olhos haviam-se dilatado até lhe saltarem das órbitas, e os seus labios, descoloridos, alargavam-se como prenes dum grande grito supremo: «O que tens?—voltou a perguntar o marido—, fala, fala».

Ela, porém, não podia falar; por sinais com as mãos estendidas, indicava a sua ansia de ar, de espaço.

Apontava para a única janela, e com indizível esforço conseguiu murmurar muito baixinho:—«asfixio... se pudesse... mas os vizinhos». — Aludia a um grande grito con-

tido que lhe inchava a garganta e que procurava afanosamente o seu vôo para o azul nocturno.

O marido, assustado, enlouquecido, como se pela primeira vez se lhe revelasse o sacrificio da resignada, ergueu-a nos seus braços e conduziu-a até á janela.

E abriu de par em par as vidraças, e como se dá a beber um sôrvo de agua a alguém que se engasga, deu a beber à mulher toda a amplitude da noite adormecida. Ávidamente a mulher se inclinou para a rua. O ar tinha uma finura indizível, e era frio e diafano como um grande espelho.

Por detrás de algumas janelas viam-se brilhar luzes vermelhas.—«Grita, desabafa — instou o marido — por vida de...»

Inclinada sôbre a rua como sôbre um abismo gelado, a mulher pugnava por absorver silenciosamente todo o ar, toda a amplitude da noite, por conter o grito suprêmo que lhe subia aos labios.

Cobria-se-lhe o semblante duma unica mancha rôxa e inchavam-lhe as veias do pescoço.—«Grita, desabafa —, insistia o marido, amparando-a, abrindo-lhe o peito em frente á noite. — Grita!»

Exortada por ele, apoiou-se a mulher ao seu braço, e fazendo um soberano esforço, abriu a boca. E gritou. Sentiram-se estalar todas as suas vértebras. Gritou sôbre a noite, arqueada, contorcida, quebrada. E foi um grito unico, ténue e subtil, como o gorgueio duma andorinha que rasgou profundamente o céu límpido e claro, e se cravou directamente, como uma flécha, no coração da noite. Um grito apenas; e caiu desmaiada, exânime, morta, nos braços do esposo.

Em baixo, na rua, azulada e funda como um poço, um transeunte se deteve atônito, e ergueu vagamente a vista ao céu impene-travel, mais cerrado, depois daquele grito supremo.





Concha Espina, a grande escritora espanhola, é, hoje, um nome internacional. Um cartaz afixado em todas as esquinas do mundo literário. É a maior escritora da Espanha actual. Tem uma estátua e está traduzida em quasi todas as línguas.

**ESTÃO-SE** colhendo os milhos. O lavrador faz três quinhões da sua «mésse», nas herdades que rega com o seu suor, e avisa o dono da terra para receber a terça parte, que de direito lhe pertence.

O vale enche-se de rumores; perdem as veredas e atalhos o seu character misterioso e alargam-se, para que os colheiteiros possam chegar até o centro das propriedades.

Ambrósio, o velho arrendatário, quer entregar o terço ao senhorio, e previne o á porta da igreja.

— A'manhã, á tarde, estarei com o carro na cortina da *Umbrosa*; espero que o senhor apareça ali para escolher a sua parte, e eu mesmo a levarei para o seu celeiro.

— Irei — respondeu Carlos, a sorrir.

E decidiu completar, com aquele passeio, as suas visitas a certos lugares, para êle cheios de belas recordações.

Teve há pouco uma herança e, por êsse motivo, irá á região onde nasceu, depois de longos anos de ausência. As palavras do camponês fazem-lhe evocar horas ou momentos da sua infância, quando voltava dos campos húmidos e vaporosos, em cima de um montão de milho, adormecido pelo rodar do carro de bois e pelo chiar dos eixos lubrificados através da planície melancólica.

Cumpriu a sua promessa.

Foi para o sítio indicado, ao entardecer.

Um ar quente e perfumado tornava deliciosa a hora do pôr do sol, e Carlos pensava, sem saber porquê, em encontros maravilhosos!... O vale dilatava-se e tornava-se acolhedor; o ambiente tinha uma limpidez misteriosa; parecia que as árvo-

novela para todos  
EDICÕES G.P.



res, ao inclinarem-se umas para as outras, falavam ao ouvido; toda a scena da paisagem estremecia com a emoção das revelações.

Por um atalho alcança depressa a cortina o cavaleiro, que viu de longe o Ambrosio e a mulher, que deviam carregar o terço.

Diante dos bois está uma rapariga com os braços cruzados sobre o jugo e a olhar para o horizonte. E' alta e gentil; os seus olhos castanhos envolve-os uma sombra quente, semelhante às cinzas de uma fogueira há pouco apagada. Tem as feições muito delicadas. o sorriso pronto, o cabelo loiro, a pele crestada pelo sol e pelo ar; está modestamente vestida e calçada; não usa meias.

Carlos não vê, na *Umbrosa*, outra pessoa que não seja aquela mulher. Aproxima-se dela para a contemplar melhor; e, para lhe dizer alguma coisa, dá-lhe as boas tardes.

Ela sorri, olhando o com curiosidade, e Ambrosio previne Carlos:

— Não ouve o que o senhor lhe diz.

— E' tua filha?

— E'. Uma rapariga, depois de tantos rapazes, e veja que pouco vale...

— E' surda?

— E quasi muda.

— Teve uma grave doença nos ouvidos — disse a mãe — e deixou de ouvir e de falar.

— Como se chama?

— Agostinha.

A moça sabe que estão a falar dela. Quando isto acontece, adivinha as palavras e marca com um olhar e com um sorriso as frases que lhe dirigem. Faz um sinal com a cabeça; a trança de cabelo claro nimba-lhe a fronte com uma aureola de oiro; e, se faz um gesto com as mãos, para responder, todo o seu

gracioso busto participa do movimento. Algumas vezes pronuncia sílabas

soltas, com uma voz apagada, com acento infantil; não sabia mais, aos dois anos, quando deixou de ouvir.

A sua attitude habitual é contemplativa. Parece que espera uma mensagem, um convite, um grito forte, que chegue até o centro do seu ser e a faça estremecer. E' uma criatura esquiva; vive como que em sonho e move-se como uma sonambula; só por acaso abandona, um instante, o encanto que a domina, para sorrir e agradecer. Carlos compreende bem que a rapariga não percebe o que se está passando em volta dela; ignora, certamente, que é alvo de uma paixão.

Por isso, êle pretende chamar, a todo o custo a sua attenção. Trata de atrair, rapidamente, aquele espírito solitário, aquela alma adormecida em um corpo tão formoso e juvenil e insensível às solicitações mundanas.

Deseja suggestioná-la e obrigá-la a olhar para êle.

Daria tudo quanto possui para captar a sua simpatia, para acender uma chama de paixão dentro daquele coração que não deu ainda guarida ao amor.

Agostinha olha, realmente, para Carlos, mas o seu olhar é frio e cheio de desinteresse.

— Qual é o terço que o sr. escolhe? — pergunta Ambrosio ao proprietario.

Sem voltar o rosto, Carlos responde:

— O que estiver mais proximo.

Carlos observa que a rapariga encara a vida, como se ela deslizesse sobre um espelho.

Não tem a noção precisa das coisas terrenas.

Não conhece, não sente a realidade.

Olha, insistentemente, para os confins da paisagem e Carlos grita-lhe:

— O terço é para ti; é teu; podes levá-lo para casa.

E pasma, por se convencer de que a voz formidável do seu coração não chega aos ouvidos de Agostinha, emquanto que para ele, essa voz é demasiadamente forte e até



escandalosa, capaz de ser ouvida a muitos quilômetros de distância.

Carlos é um homem apaixonado e veemente; tem sido feliz e gosta de satisfazer os seus desejos, que não são muito vulgares; não quer, porém, que se fale d'ele; tem sempre essa preocupação. Aquela jovem encanta-o com a sua rara beleza e a sua interessante desventura; imagina-a vítima de um malefício, escrava da solidão, e resolve ser o seu libertador; pretende despertá-la daquele extasi profundo; quer que os seus belos olhos revelem o segredo do seu coração. Não sabe se tudo que ambiciona é obra do amor ou da caridade; o que sabe é que, dentro do seu peito, se gerou mais uma afeição...

Ambrosio, que já estava enchendo o carro de espigas de milho, não sabia o que pensar do inesperado oferecimento do proprietário da terra.

E sua mulher, mais ambiciosa do que ele, receava que a dádiva se malograsse, em virtude da indiferença de Agostinha. Desculpando-a disse a Carlos:

— Não julgue que ela não é inteligente, sr. Carlinhos; o que a prejudica é simplesmente a surdez. Ela é tão arguta que não lhe passa despercebida a época em que mais cresce a lã aos cordeirinhos; e tão carinhosa é para as crianças do lugar, que todas a procuram e querem estar junto dela. Até os animais a conhecem e a distinguem das outras pessoas, por ser humana e estar sempre disposta a fazer bem.

— E' incurável a sua doença?

— Deus o sabe!... Parece-me que sim. Dizem que, com muito dinheiro, nas cidades curam doenças como esta, mas eu não acredito...

«Eu lavei lhe os ouvidos com água-benta; pus-lhe várias ervas medicinais e as rosas de Jericó; levei-a ao santuario de Nossa Senhora dos Milagres, e nada lhe fez bem. Sempre na mesma!...

«Cresceu e fez-se mulher.

«Tem brio para o trabalho, paciência e compreensão.

«Falta-lhe, porém, o ouvido, e pouco ou nada sabe dizer. Parece que está sempre distraída e que vive em um mundo muito distante dêste em que nos achamos...

— Que quer que faça do têço, sr. Carlos? — pergunta Ambrosio, a quem não agradam as palavras da mulher.

— Leva-o para tua casa. E, se mo consentis, tu e a tua companheira, eu vou tratar da cura da vossa filha.

— Mas, poderá haver alguma esperança?

— Custe o que custar, todos os recursos da ciência hão de ser empregados para conseguir a cura da pobre moça.

— Deus lhe pague tantas generosidades e tanta bondade, senhor!

A voz do velho camponês é quasi imperceptível; a comoção e os soluços mal a deixam ouvir. A mãe de Agostinha manifesta a sua gratidão entre suspiros; e a rapariga, que não sabe ainda o que a espera, junta, no chão, algumas folhas de milho, para as dar aos bois, não ligando importância às palavras e aos gestos que os pais estão trocando com o proprietário da quinta.

Carlos nunca tinha visto uma mulher tão bela, uma expressão tão pura, uma vida tão triste como a que tinha diante de si.

Parece-lhe que, para receber esta beldade e a dôr que certamente a consome, generosamente o campo se dilatou, desaparecendo os muros e conservando-se livre como um logradouro cercado de montanhas.

Pensa então que, para conhecer os sofrimentos da inocência e da desdita é preciso descer aos vales, ouvir os gemidos do vento. Lêr na fisionomia dos simples, adivinhar o que sentem os corações infelizes.

Entende que se deve provocar o olhar de certas criaturas para que elas vejam e compreendam que ha corações cheios de doçura e fraternidade.

A misteriosa jovem, surda e muda, converte-se, para êle, em um símbolo: é o povo que lava a terra e que trabalha e sofre;

novela para todos  
EDIÇÕES GP



# novela para todos

é a alma<sup>7</sup> rural, desconhecida dos homens da cidade e esquecida sempre nas melhores horas da vida.

De repente, a moça vê brotar dos olhos de seus pais copiosas lagrimas de agradecimento; sente o influxo benéfico de Carlos e olha-o com simpatia; compreende tudo nesse momento. Se ela soubesse ou pudesse falar, que belas frases, simples, mas expressivas, sairiam da sua bôca! Assim,

limita-se a estender-lhe as mãos e a demonstrar-lhe,

pelo seu olhar, que as lagrimas que correram pelas faces dos

autores de seus dias a

comoveram profundamente. O seu

cabelo côm de fogo adorna-lhe a fronte

com um halo de luz; a

sua voz cristalina sai-lhe dos lábios com acentos dulcíssimos e subtis.

E o carro está já cheio de milho.

O sol escondeu-se detrás do monte próximo, e no céu acendem-

-se as primeiras estrelas. Agostinha coloca-se á frente dos bois, serena e com aquela expressão de bondade que todos lhe notam — que a torna cativante. Para os seus olhos enigmáticos, cheios de vida e de calor, como que não existe a sombra da noite. Ela caminha, entre seus pais e, em alguns momentos, nem dá pela companhia de Carlos. Ele, porém, começa a dedicar-lhe amizade, e segue cheio de esperança.

Sabe o que é o abandono de uma alma,

e quer remediá-lo.

O seu

passeio

ao campo en-

cheu-o

de de-

sejos e

despertou-

-lhe ambições.

Mas, os olhos

de Agostinha fazem

crêr que ocultam um

sagrado mistério...

E Carlos, comovido

e enamorado, levanta os seus olhos

ao espaço e dirige uma consulta ao

céu. Confia nas mudas insinuações

da vida, porque o acompanham

o amor e o pressentimento.





# O melhor conto de Amor

## 1.º Concurso de NOVELA PARA TODOS

Novos e consagrados!

Tratai o problema do coração português!

No intuito de se tornar cada vez mais atraente e variada, *Novela para todos* inicia hoje um interessantíssimo concurso. Trata-se de classificar o melhor conto de amor que nos seja remetido até 30 de Junho proximo. Os trabalhos enviados não deverão exceder 8 folhas dactilografadas dum só lado. O assunto — um tema eterno: o amor. Os contos enviados devem girar em redor dum episodio sentimental, de que é tão rica a alma portuguesa. O ambiente deve ser português e portugueses, serão todos os personagens, pelo menos um dos  
:: :: :: principais :: :: ::

## Os premios a conferir

:: :: :: Um juri :: :: ::  
de categorisados homens de letras apreciará os trabalhos enviados, concedendo os seguintes premios: 1.º premio — 500\$00 Esc. e a publicação do respectivo conto — 2.º premio — Um objecto de arte e a publicação do respectivo conto — Os contos classificados em 3.º, 4.º, 5.º e 6.º logares serão tambem publicados com a respectiva menção honrosa. Todos os trabalhos devem vir assinados com um pseudonimo e acompanhados dum envelope fechado, trazendo por fora o mesmo pseudonimo e dentro o nome e a morada dos concorrentes.

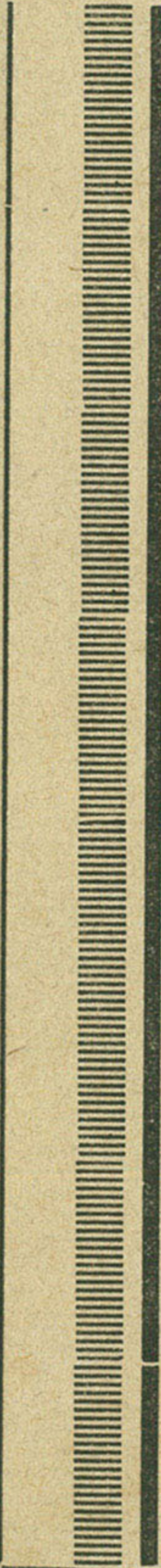
Os contos  
devem ser enviados  
para CONCURSO de *Novela  
para todos* — Sociedade Portuguesa  
de Publicações — Largo de  
S. Domingos, II  
Lisboa



# Alguns Colaboradores

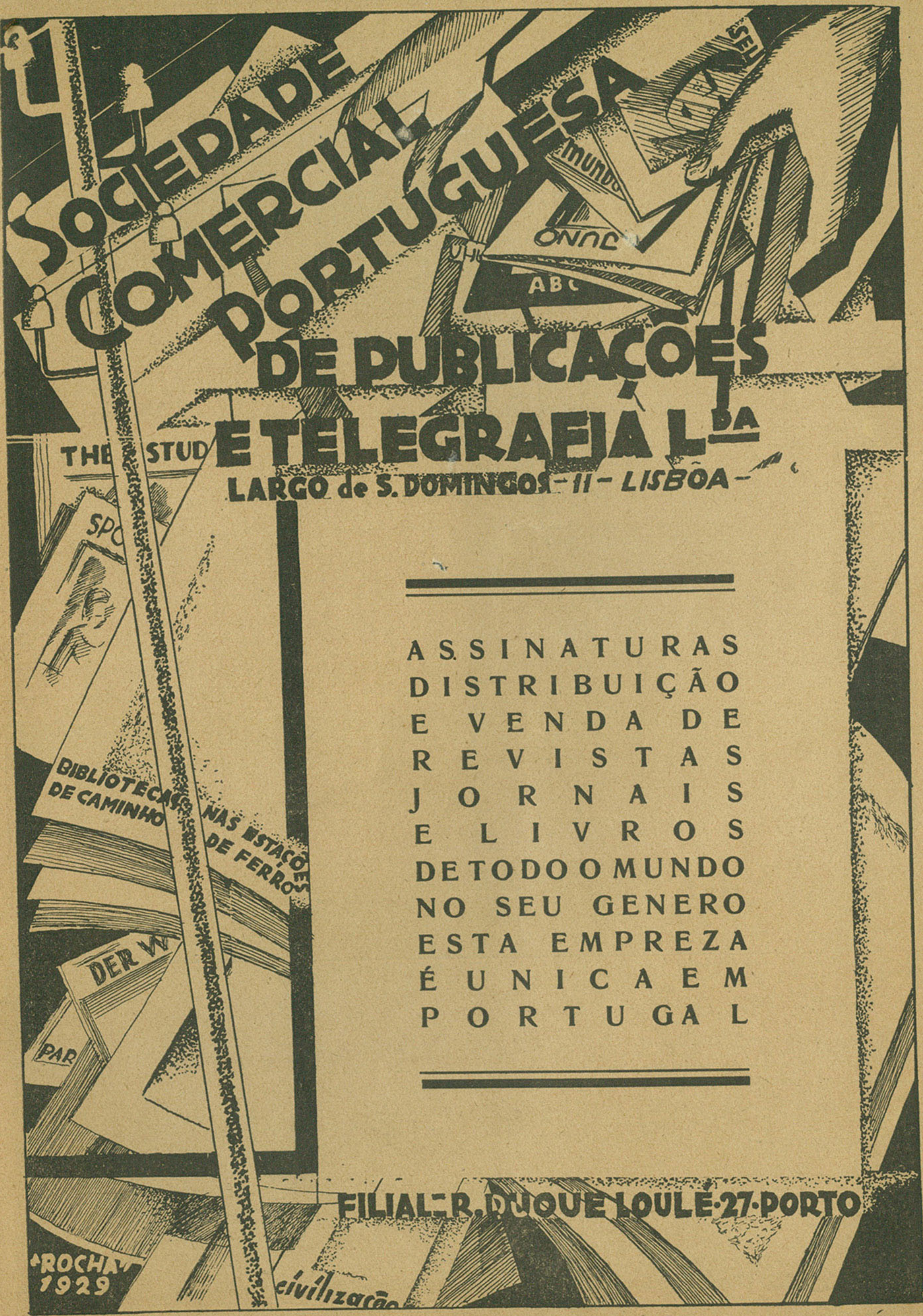
---

dos próximos números da  
«NOVELA PARA TODOS»



ALBERTO GHIRALDO, ALBERTO VIVIANI, ANA DE CASTRO OSORIO, ANTONIO FERRO, ANTURO CAPDEVILA, ARTUR PORTELA, ASSIS ESPERANÇA, AUGUSTO DA COSTA, AUGUSTO FERREIRA GOMES, BOURBON E MENEZES, DR. CAMPOS LIMA, DR. CAMPOS MONTEIRO, CESAR DE FRIAS, CONCHA ESPINA, «DIANA DE LIS», EDUARDO FRIAS, FERNANDA DE CASTRO, FERREIRA DE CASTRO, «JOÃO VERDADES», JOSÉ AGOSTINHO, JOSÉ FRANCÊS, JOSÉ MARIA DE ACOSTA, JOSÉ MÁZ, LOURENÇO CAYOLLA, LUIGI PIRANDELLO, MÁRIO DOMINGUES, NOGUEIRA DE BRITO, OLIVA GUERRA, PANTELEIMON ROMANOFF, RAMON GOMEZ DE LA SERNA, R. CANSINOS-ASSENS, REINALDO FERREIRA, «ROSA SILVESTRE», SARA BEIRÃO e DR. SOUSA COSTA :: :: :: :: ::





# SOCIETY OF PORTUGUESE COMERCIAL DE PUBLICAÇÕES

## E TELEGRAFIA Lda

LARGO de S. DOMINGOS - II - LISBOA -

---

ASSINATURAS  
DISTRIBUIÇÃO  
E VENDA DE  
REVISTAS  
JORNALIS  
E LIVROS  
DE TODO O MUNDO  
NO SEU GENERO  
ESTA EMPRESA  
É ÚNICA EM  
PORTUGAL

---

FILIAL R. DUQUE LOUË 27 PORTO

ROCHAT  
1929

civilização

Uma  
revista que honra a nossa terra.

no 6  
29



a sua coleção valerá no futuro muito mais do que hoje custa

Interessa a todos: velhos, adultos, crianças.

PUBLICILIAÇÃO

# CIVILIZAÇÃO

grande magazine mensal